

COMPASSO DE ESPERA

PROJETOS CULTURAIS
DO GDF, COMO AS
TEMPORADAS POPULARES,
TÊM FUTURO INDEFINIDO
NO GOVERNO DE
JOAQUIM RORIZ



Natal Eustáquio
Da equipe do Correio

PAIRA NO AR UM CLIMA DE INDEFINIÇÃO. A CULTURA DE BRASÍLIA ESTÁ EM COMPASSO DE ESPERA. A CLASSE ARTÍSTICA DO DISTRITO FEDERAL JÁ AGUARDA, APREENSIVA, PELO NOME DO NOVO SECRETÁRIO DE CULTURA. “ESPERAMOS QUE O NOVO GOVERNO AVANCE MAIS QUE O ATUAL. E ENTENDA QUE A MELHOR MANEIRA DE SE TRABALHAR NA CULTURA É VALORIZANDO AS PARCERIAS”, ACREDITA EDUARDO CABRAL, PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO ATHOS BULCÃO.

“O meu partido é o da cultura. Espero que o novo governo tenha sensibilidade e indique alguém que goste e tenha conhecimento do real valor da cultura. Tenha trânsito na classe artística tanto local como nacional”, pensa Cabral. O clima de incerteza também envolve a realização de projetos importantes para a vida cultural da cidade, que por enquanto repousam nas mesas da Fundação Cultural do DF.

A sétima edição do Temporadas Populares, por exemplo, está indefinida — o projeto seria realizado entre os meses de janeiro e fevereiro próximos. Até o momento, o governador eleito Joaquim Roriz confirmou que, do atual governo, manterá apenas os projetos Bolsa Escola e Saúde em Casa. Os demais, estão incertos.

Na Fundação Cultural, o clima também é de espera. “Toda a produção do Temporadas Populares é feita agora nos meses de novembro e dezembro”, explica Nilson Rodrigues, diretor-executivo da FCDF. “Não posso preparar algo que não sei se será do interesse deles. Estamos esperando definição sobre quais serão os dirigentes do novo governo”, afirma Nilson.

Até a última quinta-feira, a direção da Fundação Cultural ainda não

havia sido contatada pelos representantes do governador eleito. A comissão de transição, encarregada por Roriz para cuidar do processo de transferência do governo, se reuniria na sexta-feira para definir os assessores que comandarão a transição na área cultural. Os primeiros contatos entre as partes, portanto, devem ocorrer esta semana.

“Mas a Fundação Cultural não está parada. Estamos trabalhando normalmente, afinal, o governo Cristovam Buarque vai até 31 de dezembro”, Nilson faz questão de lembrar. Até o final do governo, por exemplo, será publicado edital de pauta para o Teatro Nacional em 1999 e realizada a licitação para prensagem e gravação dos discos do Prêmio Renato Russo.

“Fizemos todos os nossos projetos, Classe Arte, Cantoria Escola, Prêmio Aloisio Batata, Forrolândia... porque os julgamos importantes para a cidade. Agora, a nova equipe é que vai dizer se há interes-

se neles ou não. Como dirigentes e servidores, nos cabe passar nosso *know how* quando for necessário, ou solicitado”, afirma Nilson.

A comissão de transição formada por Roriz fará levantamento macro da situação em cada área do governo. “Depois, vamos formar subcomissões com pessoas com afinidades em cada área que farão levantamentos mais detalhados. Vamos ver como tudo está para então definirmos como o governo se comportará

nos primeiros meses”, explica Wellington Moraes, assessor de comunicação do governador eleito.

Moraes afirma ser muito cedo para especulações sobre o secretariado. “A prioridade agora é o trabalho da comissão executiva. Apenas quando esse levantamento estiver mais avançado é que essas discussões devem surgir”, diz o jornalista.

Candidata derrotada à Câmara Legislativa pelo PMDB (obteve apenas 412 votos), Luizinha Dornas

concorda com Moraes e também acha prematuro falar em nomes. “O governador nem pensou nisso ainda. Essa discussão só deve acontecer depois que (Joaquim) Roriz volta da viagem aos Estados Unidos. A preocupação agora é formar a equipe de transição.”

Indagada se aceitaria algum cargo ligado à área cultural caso viesse a ser convidada, Luizinha Dornas afirma: “Tenho compromisso de trabalhar para ele (Roriz), onde ele me quiser, onde eu puder ajudá-lo. Só me pronunciaria a esse respeito fosse convidada. Digo apenas que estou feliz com o sucesso dele.”

Graduada em desenho e artes plásticas pela Universidade de Brasília, ela foi diretora-executiva da Fundação Cultural do DF entre 1991 e 1994, no segundo mandato de Joaquim Roriz no Palácio do Buriti. A convite de Fernando Leite, engenheiro da CEB responsável pela elaboração do programa de governo de Roriz, Luizinha Dornas coordenou

equipe de assessores que definiu as prioridades para a área cultural que serão perseguidas a partir de 1º de janeiro de 1999. O programa final consta de apenas sete tópicos (veja quadro), mas pelo menos 90 itens foram relacionados.

Para elaborar o programa, foram promovidos encontros com artistas de diferentes áreas: teatro, dança, cinema, artes plásticas, música. Segundo assessores do governador eleito, a comunidade também foi ouvida. Todos expressaram as expectativas em relação à área cultural, que acabaram sendo resumidas no plano de governo divulgado durante a campanha política.

A elaboração do programa teve início em outubro de 1997, quando os encontros começaram a ser promovidos, e o projeto final foi apresentado a Roriz dias antes de ele lançar oficialmente a candidatura, em junho passado.

PROPOSTAS DE RORIZ

- Restaurar, ampliar, equipar o Pólo de Cinema e Vídeo, e criar linha especial de financiamento e incentivo ao patrocínio de filmes;
- Reformular a legislação de incentivo à cultura, possibilitando melhor apoio ao setor;
- Promover a formação de profissionais em nível médio, para atuar em áreas ligadas à indústria de cinema e vídeo;
- Criar, como parte das comemorações dos 500 anos de Descobrimento, o Parque das Nações, parque temático sobre a cultura de cada um dos países com representação em Brasília;
- Construir, nas cidades do Distrito Federal, 12 Centros de Cultura Popular, a serem administrados em parceria com as comunidades;
- Revitalizar as festas e eventos populares do DF, resgatando seus objetivos de integração cultural e social;
- Implantar o projeto Cultura no Metrô, com a destinação de espaços nas estações para apresentações artísticas.
- Itens incluídos no programa de governo do candidato Joaquim Roriz